

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
21 e 29 de Julho de 2021
CINEMA ITALIANO, LADO B

MAFIOSO / 1962 O Emissário da Máfia

Um filme de Alberto Lattuada

Argumento: Rafael Azcona, Marco Ferreri, Age e Furio Scarpelli / *Imagem (35 mm, preto & branco, formato 1x85.):* Armando Nannuzzi / *Cenários:* Carlo Egidi / *Figurinos:* Angela Sammaciccia / *Música:* Piero Piccioni / *Montagem:* Nino Baragli / *Som (mono)* não identificado / *Interpretação:* Alberto Sordi (*Antonio Badalamenti*), Norma Bengell, dobrada por Adriana Asti (*Marta*), Ugo Attanasio (*Don Vincenzo*), Gabriela Conti (*Rosalía*), Katuscia Piretti (*Patrizia*), Armando Tine (*Dr. Zanchi*), , Francesco Lo Briglio (*Don Calogero*), Carmelo Oliviero (*Don Liborio*), Lilly Bailley (*a secretária de Zanchi*) e outros.

Produção: Compagnia Cinematografica Antonio Cerci e Dino de Laurentiis Cinematografica (Roma) / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 103 minutos / *Estreia mundial:* Turim, 25 de Outubro de 1962 / *Estreia em Portugal:* 1 de Julho de 1966 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

AVISO: as legendas em inglês, na cópia, nem sempre estão síncronas e alguns diálogos não foram traduzidos.

Il Mafioso, que é um exemplo da variedade do cinema italiano da passagem dos anos 50 para os 60, aborda de modo peculiar um tema relativamente frequente em Itália o período, quando a prosperidade era uma realidade em boa parte de uma sociedade na qual, não mais de quinze anos antes, a miséria era grande. Este tema era a emigração, que na Itália de 1960 já não abrangia cidadãos de todas as regiões e cujo destino deixara de ser a vizinha França e o continente americano, do Canadá à Patagónia. Agora, depois de muitos anos de emigração maciça de cidadãos do sul do país para as ricas regiões industriais do norte, passara a haver também emigração rumo a países europeus para onde até então os italianos não costumavam emigrar (Bélgica, Holanda, Alemanha). Por isso, o trabalhador imigrado foi personagem de diversos filmes do período, entre os quais **Rocco e i suoi Fratelli** (Visconti), **I Magliari** (Rosi), **La Ragazza in Vetrina** (Emmer) e este **Mafioso**, de Lattuada.

Baseado num facto real ocorrido em 1957 (a execução de um *capo* da Cosa Nostra numa barbearia nova-iorquina), embora em circunstâncias provavelmente menos “cinematográficas” do que aqui, o filme de Lattuada aborda o tema da emigração e da conquista do bem-estar material como um dado adquirido, como o contexto onde vive o personagem principal, pois o tema central do filme não é a emigração dos sicilianos para a Lombardia ou o Piemonte, mas o poder tentacular da Máfia na sociedade siciliana. O título não é *o mafioso*, mas simplesmente *mafioso*, termo usado nas cidades do norte de Itália para designar os sicilianos de modo geral e que tem aqui uma coloração particularmente cruel: o protagonista não tem escolha senão aceitar ser, de modo pontual, sicário da Máfia, antes de regressar à sua pacata vida pequeno-burguesa de bom funcionário. Todo o início do filme, na fábrica, em que Lattuada começa por mostrar pormenores das máquinas em grandes planos, para depois utilizar sobretudo planos gerais quando mostra os trabalhadores sublinham o aspecto mecânico do trabalho dos operários, usados como se fossem partes das máquinas, o que é ainda acentuado pelo facto do personagem de Sordi ser cronometrista. A chegada da família à Sicília, que leva ao fim a primeira das três partes do filme, é mostrada literalmente como a

descoberta de um novo mundo por parte da mulher e das crianças, que vêem uma bela fachada antes de alguns bastidores menos atraentes. Nesta segunda parte, Lattuada expõe as diferenças culturais entre o norte e o sul, sintetizadas no “exotismo” de certos costumes da sua mulher, porém não o faz de modo sistemático, pedagógico, insere-as com habilidade no percurso narrativo. Recusando qualquer “distanciação” provinciana, qualquer mistura mal feita entre documentário e ficção, Lattuada não fez um filme de argumento e em vez de demonstrar, mostra. A maior virtude narrativa de **Mafioso** consiste na maneira como a armadilha pouco a pouco se fecha sobre Antonio Badalamenti, por pequenas etapas: o pedido do diretor da fábrica para que ele leve um presente ao homem rico da sua aldeia, a ida à feira popular para verificar a sua pontaria e a sua destreza com as armas de fogo, o favor que lhe é feito quando o vizinho que já não queria vender terrenos pelo preço acordado é “convencido” a fazê-lo (não vemos a “negociação”, só resultado), até que na meia hora final tudo muda de figura e a armadilha se fecha de uma maneira que surpreende o espectador quase tanto quanto o personagem. Em vez de ir caçar perdizes e lebres, o homem é levado a caçar outro homem, sob pena dele próprio e da sua família se transformarem em caça. A ideia de fazer com que Badalamenti seja transportado para Nova Iorque por um período de quarenta e oito horas para cometer o crime talvez seja inverosímil, mas além de instrutiva sobre o funcionamento em rede de uma sociedade secreta que abarca todas as classes sociais, é de grande eficácia cinematográfica. A brevíssima estadia nova-iorquina de Badalamente, por mais real que seja e por mais radicais que sejam as suas consequências, tem para ele e para o espectador o aspecto de um sonho (mais exatamente um pesadelo), em que o homem não tem controle sobre os seus gestos e não sabe bem porque os comete, o que até certo ponto é o que acontece. Na sequência do homicídio, Lattuada tem duas ideias simples e magistrais: o barbeiro gira a cadeira para que a vítima fique frente a frente com o seu assassino e a fuga deste pelas ruas não é mostrada (o espectador fora informado sobre o esquema de fuga). Esta elipse reforça o aspecto algo irreal do episódio, como se Badalamente despertasse do seu “sonho”. De modo irónico, é vestido de caçador e com duas peças de caça na mão que Badalamente regressa à casa, exatamente como se nunca tivesse ido a Nova Iorque. Tudo foi, metaforicamente, um sonho, posto que o contrato não escrito de Badalamente estipula evidentemente que ele deve esquecer o que fez. As lágrimas que ele verte na cama não são “*de crocodilo*”, como disse injustamente Lattuada, são o sinal ao mesmo tempo de um trabalho de luto pela parte dele que acabara de morrer e de recalçamento do ato cometido.

A presença de Alberto Sordi no filme foi uma imposição do produtor e um sinal de que **Mafioso** destinava-se a um vasto público. Sordi em geral tem sérias dificuldades em não fazer “de” Alberto Sordi, mas é precisamente o que não ocorre aqui e ele demonstra a sua destreza profissional em nada menos de três registos. Na sequência de abertura na fábrica, o espectador pode pensar que ele está a fazer de Sordi, mas trata-se na verdade de um retrato irónico, com a dose absolutamente exata de cabotinismo, de um daqueles “chefinhos” meticulosos e picuinhas, versão operária italiana de um mordomo de comédia americana. Na segunda parte, que cobre todo o percurso siciliano antes da Máfia puxar a corda, Sordi não tem absolutamente nenhum dos trejeitos e manias que podem torná-lo facilmente insuportável. Dá ao personagem uma atitude neutra, que lida com calma com as impaciências nascidas das diferenças culturais. Mesmo quando vai beijar com subserviência a mão do “Don”, consegue refrear-se de fazer mímicas. No terço final, quando cai na teia, Sordi manifesta de maneira impressionante uma mistura de medo e de consciência de que talvez possa sobreviver, se obedecer às ordens e cumprir a missão. Quem acha que o conceito de “direção de atores” é sobrevalorizado, deveria ver o que Alberto Lattuada conseguiu de Alberto Sordi em **Mafioso**.

Antonio Rodrigues